

## SUMÁRIO

Apresentação	7
Antonio Abujamra: personagem de si mesmo <i>André Dias</i>	13
A autoperformance de Edgar Allan Poe: da performatividade à performatividade <i>Rauer Ribeiro Rodrigues, Alfredo Ricardo Silva Lopes e Aurora Cardoso de Quadros</i>	39
Representações do <i>eu</i> no teatro brasileiro: tendências e reflexões <i>Elen de Medeiros</i>	61
Processos de criação dramaturgica, visibilidade e política no teatro de Belo Horizonte <i>Sara Rojo</i>	77
Rastros literários e do ato político na cena teatral belo-horizontina <i>Marcos Antônio Alexandre</i>	91
Ariano Suassuna: <i>O santo e a porca</i> e os impasses de um mundo tumultuoso <i>Flávia Amparo</i>	111
É possível que isso signifique alguma coisa: uma leitura de <i>Fim de partida</i> , de Samuel Beckett <i>Márcio Scheel</i>	127

Medeia no solo bárbaro brasileiro <i>Maria Fernanda Gárbero</i>	155
De Sheakespeare a Heiner Müller, variações da cena hamletiana em São Paulo, 2017 <i>Mayumi Denise S. Ilari</i>	173
Sobre os autores	187

## APRESENTAÇÃO

### LITERATURA E TEATRO: ENCENAÇÕES DA EXISTÊNCIA

*André Dias (Universidade Federal Fluminense)*

*Elen de Medeiros (Universidade Federal de Minas Gerais)*

A coletânea que ora se apresenta parte de dois campos do conhecimento que são próximos, dialogam e que nem sempre são colocados lado a lado: a literatura e o teatro. Propondo aproximá-los e/ou tê-los como ponto de partida, estão reunidos aqui estudos críticos e teóricos que pensam as articulações entre arte – com especial atenção para esta interface literatura e teatro – sociedade, história, cultura e existência. O eixo que percorre os trabalhos é a reflexão sobre as noções de encenação – em sentido alargado – no campo da arte, ela sempre considerada em sua pluralidade, a partir das mais diversas orientações teóricas. Dessa forma, dentre outras proposições, temos aqui neste conjunto uma aproximação entre a literatura e o teatro, sempre como propulsores de questionamentos e provocações para os leitores e espectadores.

Como encenações de si mesmo e de um certo *eu* – que passa do chamado campo real e desliza para o ficcional – os textos de André Dias, Elen de Medeiros e Rauer Ribeiro Rodrigues, em parceria com Alfredo Ricardo Silva Lopes e Aurora Cardoso de Quadros, pensam, de maneiras particulares, essa relação. O texto de André Dias, cujo foco é o artista Antonio Abujamra, investiga, a partir de um conjunto de espetáculos, de entrevistas e de depoimentos, a construção de um personagem de artista rebelde, insubmisso e provocador. Em certo contraste com aspectos da própria vida de Abujamra, vai-se criando um processo, foco de análise do texto, de encapsulamento e a constituição de um personagem de si mesmo.

Em diálogo próximo, o artigo de Rauer Ribeiro Rodrigues, Alfredo Ricardo Silva Lopes e Aurora Cardoso de Quadros faz semelhante investigação, agora tendo como foco o escritor e poeta norte-americano Edgar Allan Poe. O texto propõe uma investigação de um modo de ser do autor, em resposta ao silêncio da crítica em relação à sua obra, repleto de performances que rompem com a idealização de um criador lógico e racional – tal como é descrito no célebre texto *A filosofia da composição*. Nesse sentido, os autores propõem um neologismo, *performatividade*, cuja noção abarca uma imagem além-de-si, um *ethos* específico.

Seguindo outro caminho, mas também abordando essas relações entre o *eu* real e o *eu* ficcional, Elen de Medeiros investiga as diferentes formas de sua exposição na dramaturgia brasileira, servindo como dispositivo dramatúrgico comum entre os teatros moderno e contemporâneo. Se num primeiro momento as exposições do *eu* são de caráter unicamente ficcional, limitando-se às formações no campo da poética dramatúrgica, à medida que se aproxima da contemporaneidade surge um outro *eu*, do artista, que invade a cena e se coloca como interlocutor direto com o seu público.

Os textos de Sara Rojo e Marcos Antônio Alexandre dialogam e se complementam, na medida em que trazem reflexões sobre a produção dramatúrgica e teatral contemporânea de Belo Horizonte, reconhecendo nela práticas políticas e estéticas da cena atual, que traduz, em certa medida, uma prática que se expande pelo teatro brasileiro. As encenações da existência política aqui assumem primeiro plano, seja enquanto método de trabalho, no caso do texto de Sara Rojo, seja enquanto discurso identitário, que ganha corpo no texto de Marcos Alexandre.

Sara Rojo analisa o trabalho de alguns coletivos teatrais de Belo Horizonte, reconhecendo nessa reunião um modo de fazer política e de resistência. Propõe, em seguida, uma breve cartografia da atual produção dramatúrgica que se ampara nessa relação entre o trabalho autoral dentro dos coletivos e político. Já Marcos Antônio Alexandre se propõe a observar aspectos do teatro belo-horizontino que estejam alinhados às questões de representatividade identitária, traçando inicialmente um breve

panorama de espetáculos contemporâneos que se aproximam de tal proposta para, em seguida, concentrar o olhar em dois espetáculos, encenados em 2016 na capital mineira, que tocam na questão da violência social e ditadura.

Em torno, ainda, da relação existência-resistência, os textos de Flávia Amparo, Marcio Scheel, Maria Fernanda Garbero e Mayumi Ilari contribuem sobremaneira à discussão que a literatura e a cena trazem a tal problema. Nos quatro textos podemos reconhecer uma análise das obras tendo como eixo a força de resistência humana, em contextos diferentes.

Flávia Amparo, por exemplo, desenvolve um estudo de *O santo e a porca*, peça do paraibano Ariano Suassuna, a partir das questões do drama da existência humana e dos embates do indivíduo com a sociedade, entre o material e o espiritual. Nesse sentido, a autora aponta para a possível influência do romance *Os irmãos Karamázov*, de Dostoiévski, na elaboração do pensamento de Suassuna.

Por sua vez, em uma leitura de Fim de partida, do irlandês Samuel Beckett, Marcio Scheel pretende sair das amarras a que as leituras de Beckett ficam submetidas: as proposições do teatro do absurdo, pensadas pelo crítico Martin Esslin na década de 1960. Para tanto, partindo de *Pensées*, de Pascal, o autor propõe uma leitura na qual as personagens em condição absurda e sem sentido representam uma forma de resistência, em um convívio a que chama de “solidariedade dos infelizes”.

Em uma aproximação entre o mito de Medeia, especificamente aquele eternizado por Eurípedes, Maria Fernanda Garbero desenvolve uma instigante aproximação com a produção dramaturgica brasileira, desde a primeira referência ao mito, em Antônio José, mas notadamente no teatro moderno (com Gota d’água, de Chico Buarque e Paulo Pontes) e no teatro contemporâneo. É neste último, diante da situação social brasileira atual, que a autora se detém, ao analisar um espetáculo de Denise Stocklos, Des-Medeia, e uma peça escrita pela dramaturga mineira Grace Passô, Mata meu pai. Símbolo da mulher que resiste, a despeito dos crimes que cometeu, é o que se revaloriza no contemporâneo e que está no foco de Maria Fernanda

Garbero.

Seguindo de certo modo essa aproximação do contemporâneo com uma clássica referência teatral, Mayumi Ilari propõe uma leitura político-histórica de Hamlet, de William Shakespeare, em três contextos históricos diferentes, ainda que perfeitamente alinháveis diante da situação de crise social em que se encontram: seja durante a Inglaterra elisabetana e a presença maciça da miserabilidade humana diante de um crescente capitalismo individual, no momento pós-guerra de Heiner Müller e as metáforas que as personagens de Hamlet e Ofélia assumem diante dos horrores da Guerra Fria, seja no atual contexto brasileiro de grave situação política e econômica. Para isso, são confrontadas as versões do bardo inglês com a de Heiner Müller para acompanhar a encenação de *Hamlet-Ex-Maquina*, do 42 Coletivo Teatral. Nesse sentido, há um deslizamento da configuração de personagens centrais, como Hamlet e Ofélia, que saem da figuração de heróis trágicos elevados para aqueles que sofrem a tragédia do homem comum, lidando com as condições de reconfiguração dessa existência e de sua representação no teatro contemporâneo.

Como se vê, a coletânea aborda de forma diversa – e intensa – as possibilidades de encenação da existência na literatura, no teatro e no quanto esses universos se entrelaçam à vida, mesclando-se na confecção da arte. E se tanto as noções de “encenação” quanto de “existência” são aqui encaradas em sentido alargado – efeito provocado pela própria utilização que a obra de arte faz delas –, isso só aprofunda as discussões propostas pelos ensaios, já que vimos um caminhar entre os discursos de ordem estética, política, social e histórica. Se “encenação”, *a priori*, possui um sentido alinhado ao discurso teatral (montagem de uma peça, espetáculo teatral – cf. Houaiss), não podemos negligenciar o fato de que a vida também é uma encenação, uma derivação do sentido artístico que ganha notória e derisória participação no nosso cotidiano: as “encenações” com as quais nos deparamos – e as quais realizamos – nos afazeres mais corriqueiros. Mas na literatura a palavra ganha ainda outros contornos, também relacionados à forma fantasiosa (sem

qualquer sentido pejorativo) de representação, quando se vê a inquestionável força de personagens centrais da literatura e o sentido que amparam para a existência do humano: um homem atrelado ao seu meio, ao seu *métier*, à sua *psyché*, ao *modus operandi* artístico, ao contexto histórico. É dessa forma que também vislumbramos, no conjunto de ensaios apresentados, a ampliação dessa “existência” – que se define, indubitavelmente, como plural.

Assim, da realidade à ficção e da ficção à realidade é que podemos (re)ler aspectos fundamentais de personagens-chave da literatura ocidental, desde o mito de Medeia até as figuras desencarnadas de Beckett, passando pela complexa exegese que Hamlet suscita e pelas marcas que a literatura de Dostoievski deixou; ou de figuras polêmicas no conjunto de sua vida artística, tais como o escritor Edgar Allan Poe ou o diretor Antonio Abujamra. A complexidade da representação da existência daquilo que entendemos como o mundo moderno e contemporâneo ganha relevo diante de tais páginas, em que são investigadas as nuances dessas variadas formas de falar dela (da existência), por meio da literatura e do teatro.